

“CLIENTELTCHIKS” OS JUDEUS DA PRESTAÇÃO EM PELOTAS (RS) 1920-1945

Lorena Almeida Gill*

Este artigo tem por objetivo apresentar algumas conclusões da dissertação intitulada “*Clienteltchiks*” Os Judeus da Prestação em Pelotas (RS) 1920-1945, realizada entre março de 1996 a agosto de 1998, período em que cursei o Mestrado em História do Brasil, junto a Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, PUCRS.

Apesar de existirem inúmeros trabalhos que levam em consideração a contribuição dos imigrantes à cultura brasileira, em se tratando de Pelotas não havia, até o momento, estudos mais sistemáticos sobre grupos considerados minoritários, como os judeus. E ainda que tenha havido “*uma verdadeira simbiose de elementos culturais estrangeiros e brasileiros, certas características das culturas de origem dos descendentes de imigrantes são mantidas apenas ao nível de cada grupo, sendo usadas como marcas de diferenciação étnica*”¹.

Duas premissas nortearam o meu trabalho. A primeira é a de que, embora os judeus em Pelotas constituíssem um grupo pequeno (em torno de cem famílias), estando assimilados e integrados à so-ciedade mais ampla, permaneciam com sua identidade cultural e religiosa distinta, marcas de diferenciação étnica, no dizer de Seyferth. Tendo em vista esta afirmativa, apresentam uma fraca coesão social, no sentido de que não têm conseguido se manter relativamente unidos, inclusive em função do expressivo número de casamentos mistos. No entanto, sentimentos de solidariedade social são mais presentes, já que se percebe uma consciência pronunciada de identidade².

A segunda é de que para a conservação da identidade judaica, a religião não se coloca como a questão fundamental, ao contrário do que ocorre na grande maior parte desses processos. Se definirmos os judeus apenas através da religião, estaremos deixando de lado um segmento de pessoas que se vinculam a um judaísmo laico. Em Pelotas há um desinteresse bastante evidente sobre o aprendizado necessário para a prática da religião. Foram detectados no desenrolar da pesquisa um número significativo de judeus praticando o espiritismo. A cultura, enquanto tradição, parece ser o ponto de união entre pessoas muitas vezes com origens e vivências diferenciadas.

É importante colocar que, quando iniciei o trabalho, acreditava poder encontrar um grande número de documentos escritos nos arquivos do Centro da Sociedade Israelita Pelotense. Ficou frustrada tal expectativa, uma vez que as atas só estavam disponíveis a partir de 1976 e que documentos relevantes para a pesquisa – que pensava estar nas mãos de particulares – não mais existiam.

A inexistência de fontes escritas, nesse caso, é altamente reveladora, faz com que se possa pensar nas idéias de vazio, de lapso, de silêncio e esquecimento. Tanto pode ser compreendida como uma re-organização das práticas e tradições, como uma obliteração forçada, em razão das perseguições e discriminações sofridas pelos judeus ao longo da História.

Do ponto de vista metodológico as possibilidades que se mostraram mais fecundas para a realização da pesquisa, vincularam-se à história oral e à pesquisa documental em jornais.

Através da história oral, busquei esclarecer trajetórias individuais que se relacionavam ao processo de imigração judaica para Pelotas, entre os anos de 1920 e 1945³.

* Professora do Departamento de História e Antropologia da Universidade Federal de Pelotas

¹ SEYFERTH, G. *Imigração e Cultura no Brasil*. Brasília: Ed. da UnB, 1990, p.77.

² Rattner (1977:19) diz que “um grupo pode ser coeso, isto é, resistir à divisão e à assimilação de seus membros, sem que estes tenham plena consciência do fato, enquanto o fenômeno de solidariedade se produz ao nível da consciência dos membros do grupo”. O sentimento de solidariedade manifesta-se a partir de fortes interesses comuns, já que implica em consenso. Para o autor “os sentimentos de solidariedade são freqüentemente associados com experiências emocionais, com função de defesa ou proteção do grupo contra ameaças reais ou imaginadas”.

³ O marco temporal prende-se ao fato de que nas primeiras décadas do século XX chega um número expressivo de judeus a Pelotas, tanto assim que, em 1920, já mais organizados, fundam uma de suas associações representativas. O ano de 1945, por outro lado, marca o fim de uma era, a das Grandes Guerras, promovendo uma diminuição considerável do processo imigratório.

O testemunho oral, nesse caso, possibilitou que eu incorporasse elementos e perspectivas, que num primeiro momento se mostraram ausentes, através de documentos escritos.

Foram coletados dezoito depoimentos diferentes, além de ser realizado um rastreamento na maioria das entrevistas existentes junto ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall (Porto Alegre), onde os imigrantes tivessem vivido alguma parte de suas vidas em Pelotas. Ainda foi feita uma análise em questionários elaborados pela professora Flora Bendjouya, no ano de 1979, quando entrevistou vinte e três pessoas da comunidade judaica⁴.

A principal fonte de informações a qual recorri foram, no entanto, os jornais locais, a saber: *Diário Popular* (1920-1945), *A Opinião Pública* (1920-1945), *O Rebate* (1914-1923), *O Libertador* (1924-1935) e o *Diário Liberal* (1933-1937). Minha intenção foi a de fazer uma crítica das informações contidas na imprensa, à luz de sua orientação política, dos interesses que nela se expressavam e também do contexto histórico em que se situava.

Ao todo, reuni trezentas e cinquenta notícias que, sob diferentes enfoques, tinham como tema os judeus. Nestas aparecem editais, convocações, editoriais, artigos assinados, propagandas publicitárias, pendências judiciárias e obituários.

Através desta documentação acredito ter sido possível reconstruir – pelo menos em parte – a trajetória deste grupo que aqui se instalou no início do nosso século, e cuja história se apresentava pautada por inúmeros vazios.

De prestamistas, médicos e magistrados: presença dos judeus em Pelotas

“É hoje o dia deles. Até-los ao pau é um dever da solidariedade humana, para escarmento e castigo dos traidores preferidos, presentes e futuros.” Assim começa uma notícia publicada no jornal *O Rebate*, no dia 3 de abril de 1920, referindo-se às malhações de Judas, tão comuns neste período.

Nos sábados de aleluia, nas mais longínquas regiões, queimavam-se em efígie aqueles que eram considerados grandes traidores e vilões, ao mesmo tempo em que, usando-se como pretexto este dia, se espancava os judeus que a multidão enraivecida encontrava pelo caminho⁵.

O ano de 1920 não foi só o momento em que aconteceram na cidade folguedos populares com o objetivo de perpetuar discriminações e estigmas, é também considerado um marco para a imigração judaica, já que será neste período que não falamos mais de imigrantes independentes, que buscam melhores oportunidades, mas de um grupo mais organizado.

Pelotas possuía neste ano uma população de 48.225 pessoas. Acrescentando a esta os moradores da zona rural do Monte Bonito, Retiro, Buena, Quilombo e Arroio do Padre, alcançamos o número de 82.294 pessoas. Do total de 48.225, 42.547 eram brasileiros e 5.678 estrangeiros, do mesmo modo se levarmos em conta todo município, 75.033 eram brasileiros e 7.261 estrangeiros⁶.

A cidade era administrada pelo intendente Dr. Pedro Luís Osório (1920-1924)⁷, médico, pecuarista e escritor, vinculado ao PRR (Partido Republicano Rio-Grandense), neste momento o partido político que dominava o Rio Grande do Sul.

A crise

⁴ Quando utilizo as entrevistas realizadas pelo Instituto Cultural Judaico Marc Chagall uso as siglas MC; ao mesmo tempo, quando analiso os questionários feitos por Flora Bendjouya, as siglas são FB e por último, quando os depoimentos foram feitos a partir do trabalho realizado junto ao Núcleo de Documentação Histórica da UFPel, sob minha coordenação, as siglas são LG.

⁵ Cf. RODRIGUES, J. *Independência: Revolução e Contra-Revolução*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

⁶ Fonte: Recenseamento Geral do Brasil, realizado em 1º de setembro de 1920, volume IV, 1º parte, ano de publicação 1926, Biblioteca Pública Pelotense. A população geral do Brasil em 1920 era de 30.635.605 habitantes e a do Rio Grande do Sul, 2.182.713.

⁷ Seguem a ele, Dr. Augusto Simões Lopes (1924-1928), advogado (PRR); Dr. João Py Crespo, advogado e estancieiro (PRR); novamente Dr. Augusto Simões Lopes (1932-1933); o prefeito nomeado Cel. Joaquim Augusto Júnior (1933-1934), do Partido Liberal; o intendente Dr. Sílvio Barbedo (1934-1938), engenheiro civil do Partido Republicano Liberal Rio-Grandense; o prefeito nomeado Dr. José Júlio de Albuquerque Barros (1938-1944), advogado e o prefeito indicado Dr. Sérgio Abreu Silveira (1945-1946), advogado e professor. Informações obtidas junto à Biblioteca Pública Pelotense.

A década de 1920 foi considerada como um período de crise e transição. Foi uma fase marcada por conflitos sociais e políticos, por novas ideologias e pela transformação da economia. O modelo agro-exportador, baseado na monocultura do café, tornava o Brasil um país periférico e dependente dentro do cenário internacional. O Rio Grande do Sul, por sua vez, que produzia, visando ao mercado interno, encontrava-se em uma posição ainda mais débil, visto que o papel e a força de cada estado dependiam da sua importância econômica e populacional (Vizentini, 1992:15).

Pelotas tinha sua economia baseada na pecuária e na indústria do charque, e viveu seu momento mais próspero ainda no século XIX, mais precisamente nos últimos trinta anos do segundo Império. Neste período, constituiu-se como o mais importante centro produtor e comercial charqueador de toda a Província.

Esse desenvolvimento econômico fez com que a cidade crescesse e se modernizasse e que houvesse uma explosão do ponto de vista populacional e sócio-cultural.

Para Magalhães (1993)⁸, no entanto, durante a República Velha (1890 – 1930) a economia gaúcha começou a desenvolver a policultura, dando ênfase ao mercado local. Esta reorientação afetou sobretudo a região da Campanha, onde Pelotas está situada, ao mesmo tempo em que privilegiou a região serrana, que praticava uma agricultura diversificada e a suinocultura, através do trabalho do imigrante.⁹

Para o autor, a indústria saladeiril começou a declinar em função da Revolução Federalista (1893) a nível regional, quando o castilhismo¹⁰ adotou a postura de uma crescente diversificação na economia e também tendo em vista o advento da 1ª Guerra Mundial, que provocou a necessidade de fornecimento de grande quantidade de carne, impulsionando a entrada de frigoríficos estrangeiros no Brasil.

Esta situação se agrava ainda mais, uma vez que as charqueadas operavam “*com velhos processos, tecnologia arcaica, produzindo um artigo de alto custo de produção, mas de baixo valor de troca, num mercado altamente competitivo*”(Pesavento, 1986:66).

Ao invés de modernizarem-se, os charqueadores buscavam a tutela do Estado para resolver problemas que se colocavam principalmente no âmbito da comercialização do produto final.

A saída encontrada pelo governo para a crise na pecuária foi o desenvolvimento do setor agrário. Em Pelotas, plantou-se arroz e cultivaram-se frutas, sobretudo o pêssego. Deu-se incremento à indústria de conservas e produtos alimentícios.

É nessa conjuntura, na qual a cidade perdia gradativamente sua importância no cenário estadual¹¹, embora conservasse conceitos de riqueza e refinamento, que chegaram os primeiros imigrantes judeus.

Os primeiros imigrantes

Os primeiros imigrantes dos quais tenho notícia¹² foram os Millman¹³ e Miguel Galanternick.

⁸ No livro *Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)*, Mário Magalhães afirma ter sido o período de 1860 a 1890 o de apogeu econômico-urbano da cidade, a *Belle Époque* pelotense, o que fará com que proliferem manifestações sócio-culturais, através de espetáculos, teatro, música, educação, artes plásticas. Tanto assim que circularam cerca de 86 jornais entre 1852 e 1896 na cidade, segundo dados da Biblioteca Pública Pelotense.

⁹ Em Pelotas a abolição da escravidão dá-se em 1884, quando a indústria do charque começava a dar sinais de desgaste, isto em parte devido a mão-de-obra escrava a cada dia mais escassa e mais cara. A abolição é efetivada, livra-se das pressões dos abolicionistas, mas assegura-se maneiras de continuar explorando os “libertos”.

¹⁰ Em 1893 Júlio de Castilhos volta ao poder, ao mesmo tempo em que tropas federalistas invadem o Rio Grande do Sul, pela fronteira de Bagé. No final do conflito, o Partido Republicano Rio Grandense encontra-se mais fortalecido e dominando inteiramente o nosso estado.

¹¹ Magalhães, 1993:296, diz que Porto Alegre e Pelotas praticamente se equiparavam em desenvolvimento, durante o Império. “Mas em 1927, do total das receitas arrecadadas pelos municípios gaúchos, Porto Alegre participará com 43,2% em primeiro lugar. Pelotas, mesmo em segundo lugar, terá um índice de 6,5%.

¹² O jornal *A Opinião Pública* faz referência ao nome de Albino Isaacson, como tesoureiro da 1ª diretoria da Tipografia Gutenberg, em sua edição do dia 25/9/1899. Já o nome de Oswaldo Peckman aparece compondo o Club Sport Internacional, em notícia veiculada no mesmo jornal, no dia 21/1/1907. Os nomes Millman e Galanternick aparecem, no entanto, fazendo parte de uma comunidade maior e mais organizada, que começa a chegar a partir de 1910, em Pelotas.

¹³ Há diferenças com relação à grafia dos nomes dos imigrantes nas diversas fontes pesquisadas. Aparece, por exemplo, Milman, Millman e Milmann. Procurei adotar a grafia mais recorrente.

Sobre a família Millman, consta que o primeiro a chegar foi Salomão, nascido em 24 de dezembro de 1888¹⁴, que veio da Rússia, passando antes pelas colônias agrícolas da Argentina, onde se casou com Clara. Em seguida, mudou-se para Pelotas e mandou buscar seus pais Aran e Sarah, além de seus irmãos: Inês, Marcos e Ada. Ele constituiu-se numa liderança importante junto ao Centro Israelita Pelotense. Nos primeiros tempos, vendeu a crédito e depois estabeleceu uma fábrica e loja de roupas masculinas denominada “A Casa Londres”. Embora não tenha conseguido precisar o ano em que Salomão Millman chegou, estima-se que tenha sido entre 1907 e 1910.

Dona Ada, irmã de Salomão, em entrevista a Flora Bendjouya disse que nasceu no dia 10 de dezembro de 1906, na Bessarábia. Chegou a Pelotas no dia 23 de novembro de 1910 juntamente com seus pais. A imigração colocou-se como alternativa, já que se julgavam inseguros com relação à sua existência física e buscavam novas oportunidades de trabalho. Casou-se no ano de 1926 com Benjamin Borenstein e teve dois filhos: Marcos e Israel. Foi dona-de-casa e, eventualmente, ajudou o marido em sua loja, denominada “Casa de Móveis Benjamin”, que estava localizada à rua Osório, esquina Voluntários da Pátria. Faleceu no dia 20 de setembro de 1993, na cidade de Porto Alegre.

Sobre Miguel Galanternick os dados são mais precisos, até porque a história de sua vida se encontra emaranhada na história da comunidade judaica de Pelotas.

Miguel Galanternick era filho de Jayme e Maria Galanternick. Nasceu na Ucrânia (que fazia parte do Império Russo), em 1881. Serviu ao exército militar na Romênia e foi daí que resolveu embarcar para Buenos Aires, Argentina, com 23 anos de idade. Na Argentina, permaneceu por três anos, até que recebeu um chamado de Abraão

¹⁴ Existe dificuldade para precisar períodos de tempo, uma vez que, por exemplo, segundo Isaac Bendjouya, muitos imigrantes russos não tinham certidão de nascimento antes de partirem, sendo que alguns chegaram até mesmo a registrar seus filhos em datas incorretas, para que pudessem fugir do serviço militar (LG). Procurei utilizar, quando não dispunha de depoimentos, o registro que consta nas lápides encontradas no Cemitério Israelita, embora em alguns casos as informações estejam incompletas.

Steinbruch, chefe religioso de *Philippson*¹⁵, que era primo de seu pai, Maier Galanternick, para que fosse até a colônia conhecer sua filha Frida. Casaram-se em *Philippson* e logo foram morar em Porto Alegre. Na cidade, associou-se a Salomão Levy e David Chazan, que possuíam uma loja de tecidos, denominada “A Moda Inglesa”.

Em 1911 chegou a Pelotas e fundou uma filial da firma, sendo esta inteiramente sua. A loja funcionava à rua General Osório, número 663. Fabricava e vendia móveis, além de trabalhar com tecidos.

Vários anúncios aparecem em jornais diários da cidade. No dia 6 de maio de 1920, no jornal *O Rebate* foi publicado o seguinte informe publicitário:

A Moda Inglesa
Grande depósito de móveis, cadeiras e mobílias.
Aceita-se qualquer encomenda referente ao ramo.
Também tem bem montada alfaiataria, com grande sortimento de casemiras estrangeiras e nacionais.
Trabalho garantido.
Grande sortimento de roupas brancas, enxovais para noivas,
Sedas holandesas e meias de seda.
Vendas a dinheiro e em prestações.
Preços sem competência.
General Osório n. 663

Seus dois primeiros filhos, Luísa e Benjamin, nasceram em *Philippson*, já que era comum as mulheres voltarem à colônia para dar à luz. As quatro restantes: Cecília, Sofia, Anita e Aida nasceram em Pelotas. Nenhum deles foi comerciante como Miguel. Na perspectiva de estimular a ascensão social, objetivo de todo imigrante, cinco de seus filhos completaram o ensino superior, sendo que apenas uma, Cecília, concluiu apenas os cursos comercial e de piano. Já Sofia fez o primeiro vestibular para a Faculdade de Direito de Pelotas, sendo promotora pública do estado.

¹⁵ Em 1904 organiza-se um núcleo agrícola no município de Santa Maria, que recebe o nome do vice-presidente da *Jewish Colonization Association* (JCA), Franz Philippson. Cinco anos mais tarde, também por iniciativa da JCA é fundada a Colônia de Quatro Irmãos, em Passo Fundo.

Miguel já estabelecido, mandou buscar todos os seus familiares da Rússia e também suas irmãs e cunhados que moravam nos Estados Unidos, de forma que todos os Galanternick estivessem reunidos.

Ele foi pioneiro em Pelotas. Organizou uma das sociedades israelitas que existiram na cidade, já que durante a década de 20 até 1933, dois grupos aqui estavam representados; comprou o terreno onde hoje fica o Cemitério Judaico, além de fundar uma Cooperativa de Crédito, que auxiliava alguns imigrantes judeus que chegavam à cidade, sendo também uma liderança importante dentro da Maçonaria.

Sobre o cemitério, Aida, sua filha, em entrevista concedida ao Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, disse que a primeira pessoa que lá se enterrou, foi justamente a irmã solteira do seu pai, Ida Galanternick, que faleceu no dia 11 de novembro de 1922. E como para os judeus não se podia deixar uma pessoa sozinha no cemitério, sua avó Maria Galanternick, que era extremamente frágil, passava dias próximas ao corpo, até que enterraram a segunda pessoa, que foi sua mãe. As informações que constam nas lápides dos túmulos revelam, no entanto, que após cinco meses da morte de Ida, faleceu Rachel Skenazi.

Além de fortalecer a comunidade judaica, que chegou a contar com mais de cem famílias, ou pelo menos parte dela, Galanternick integrou-se em manifestações políticas¹⁶, artísticas, culturais, esportivas dentro da sociedade mais ampla.

Na década de 40, Miguel passou a morar em Porto Alegre, pois sua esposa havia falecido ainda em 1924, com trinta e cinco anos de idade e duas de suas filhas tinham ido para a capital estudar.

Rattner (1977:53) diz que “os grandes centros urbanos – pólos de crescimento industrial e comercial e, portanto, dotados de melhores infra-estruturas, como redes de transporte, comunicações, escolas e hospitais – aliada à tradicional valorização da instrução como via de ascensão social, facilitou grandemente o caminho da segunda geração em busca de ‘status’ e prestígio”.

No dia 5 de agosto de 1967, morreu em Porto Alegre, alguns dias antes de completar 86 anos de idade.

A organização da comunidade

A grande maioria dos imigrantes judeus que aqui chegaram vieram entre os anos de 1921 e 1930, momento em que, para Jeffrey Lesser¹⁷, os líderes políticos e intelectuais brasileiros não haviam ainda formulado a questão judaica. O que faziam era copiar jargões de livros anti-judaicos divulgados no continente europeu.

É importante frisar que entre 1930 e 1935, essa imigração não foi insignificante, no entanto, cessou quase por completo depois da última data, sobretudo em função das medidas restritivas adotadas através de circulares secretas pelo Estado Novo, com relação a entrada de elementos semíticos.

Os que aqui chegaram eram principalmente russos e poloneses e, na maior parte dos casos, haviam passado pelas colônias de *Philippson* ou Quatro Irmãos (RS), quando não tinham estado anteriormente nas colônias argentinas da JCA (*Jewish Colonization Association*).

Os nomes de família Soibelman, Stifelman, Steinbruch, Nudelman, Druck, Averbuch, Copstein, Treiguer, Axelrud, Procianoy, Rosenberg e Galanternick, que haviam estado em *Philippson* (município de Santa Maria), fizeram parte da comunidade judaica de Pelotas, assim como os Lokschin, Chaper, Millman, Ocstein, Pechansky, Pustilnik, Pilowinick e Chwartzmann, da colônia de Quatro Irmãos (município de Passo Fundo).

À medida em que os anos vão passando, a trajetória dos imigrantes também alterou-se, isto porque a partir de 1926/27, quando da fundação dos núcleos de Barão Hirsh e Baronesa Clara, o Rio Grande do Sul praticamente não recebeu mais colonos judeus e também porque a comunidade judaica em Pelotas se encontrava bastante organizada, tendo condições de acolher novos imigrantes, que na maior parte das vezes, vinham com imensas dificuldades

¹⁶ Aida conta que o dr. Victor Russomano e Simões Lopes, chefes políticos da região, pediram para que o seu pai intercedesse junto à comunidade judaica a fim de que votassem no Partido Republicano.

¹⁷ “Assim, a Questão Judaica no Brasil consistia, na realidade, em uma luta por parte dos líderes brasileiros para ajustar as visões intolerantes que se tinha sobre os judeus, infiltradas a partir da Europa, à realidade de que aqui a imensa maioria dos imigrantes judeus não era nem muito rica nem havia se aculturado rapidamente á sociedade brasileira”. In LESSER, J. *O Brasil e a Questão Judaica*. São Paulo: Imago, 1994, p. 23.

financeiras. Sendo assim, um número significativo chegava com destino ao porto de Rio de Janeiro e deslocava-se para Pelotas. Sobre os motivos que os levaram a vir para cá, citavam a existência de parentes, amigos ou até convites para aqui atuar.¹⁸

Na década de 20, a imprensa¹⁹ registra a existência de duas organizações judaicas na cidade: a Sociedade Israelita Pelotense e o Centro Israelita Pelotense. Ambas localizavam-se extremamente próximas, a primeira à rua Félix da Cunha, 751 e a segunda na mesma rua, número 820.

As duas associações mostravam-se bastante atuantes. A Sociedade Israelita Pelotense possuía uma biblioteca e um grupo organizado através da Juventude Israelita. Em 1928 fundam também um Centro Sionista²⁰, denominado “Filhos de Israel”. O Centro Israelita Pelotense, por seu turno, foi responsável pela construção de uma sinagoga, de uma escola, cujo nome era Colégio Israelita Dr. Raffalowitch²¹ e da Biblioteca Coletiva Israelita Pelotense.

O Colégio Israelita Pelotense, fundado em 1928, ensinava hebraico, iídiche e religião e a cada final de período realizava apresentações teatrais. O aprendizado do iídiche²² era considerado fundamental por uma comunidade composta basicamente de “ashkenazim”.

Em algumas falas aparece também a existência de uma sinagoga vinculada exclusivamente aos sefaradim²³. Isaac Bendjouya, em entrevista concedida à autora no dia 9 de maio de 1995, diz o seguinte sobre o assunto:

“A sinagoga ‘sefaradim’ era na minha casa. Era um grupo de judeus ‘sefaradim’ que se reúniam na minha casa, porque há uma norma de que as orações devem ser feitas com no mínimo dez pessoas, é o chamado ‘minyan’, são no mínimo dez adultos homens, então há a necessidade de agrupá-los”.

Os templos judaicos podem funcionar em qualquer lugar, isto fez com que até o momento em que os “sefaradim” da cidade pos-suíam o quorum mínimo para as orações coletivas, buscassem estar reunidos. Alguns deles se integraram posteriormente às sociedades israelitas existentes em Pelotas.

A questão fundamental que se colocava, não dizia respeito à origem de cada um dos imigrantes – Galanternick tinha vindo da Rússia, assim como Salomão Millman, liderança importante do Centro Israelita, por exemplo. Digo isto, porque em outros lugares era comum que, não formando um grupo homogêneo, se organizassem de forma distinta. No dizer de Baron (1974:318) “as posições comunitárias, em particular, eram freqüentemente reservadas às pessoas de uma origem ‘nacional’ particular”.

As diferenças não se davam também no campo de princípios, já que era comum encontrarmos nomes que transitavam nas duas associações. Para se ter uma idéia, Ângelo

¹⁸ Isaac Schumaister, polonês, chegou ao Rio de Janeiro em 1931, tendo vindo para Pelotas em 1934, quando recebe convite para lecionar hebraico, iídiche e religião no Centro Israelita Pelotense. Miguel Zilberknop, também polonês, chegou ao Rio de Janeiro em 13/10/1929 e, em Pelotas, em 1931, porque julgava o local o mais conveniente para estabelecer um comércio. Manoel Piltcher chegou ao país em 30/1/1930 e passou a residir em Pelotas, tendo em vista possuir parentes aqui.

¹⁹ O jornal *Diário Popular* do dia 16/12/1927, p. 7, sob o título “Sociedade Israelita Pelotense”, avisa aos sócios que foi eleita uma nova diretoria para “dirigir os destinos desta sociedade de 1927 e 1928”. Seguem os nomes de : Presidente – Miguel Galanternick, Tesoureiro – Guerchon Fichmann, Secretário – Jayme Werter, Conselheiros – Ângelo Nudelman e Isaac Safir. No dia 25/8/1928, p. 3, o jornal *A Opinião Pública* dá conta de que a colônia israelita está sendo convocada para uma reunião no prédio situado a rua Félix da Cunha, 820, para tratar de assunto de interesse da comunidade judaica aqui domiciliada.

²⁰ O primeiro Congresso Sionista do Brasil havia sido realizado em 15 de novembro de 1922 e uma das suas resoluções principais dava conta da necessidade de criar núcleos sionista no país.

²¹ O nome é em homenagem a Isaias Raffalowitch, da JCA.

²² Para Bunse (1983:23) “o iídiche não é uma corruptela do alemão dos séculos XIII e XIV. É uma língua muito afim ao alemão e pertence às línguas germânicas”.

²³ A comunidade “sefaradim” é expulsa da Espanha em 1492. Conforme Novinsky (1985), neste ano os reis católicos, a partir dos lucros que haviam recolhido com o confisco dos bens dos cristãos-novos, vencem os mouros em Granada, promovem a unificação política da Espanha e expulsam os judeus. A partir daí os “sefaradim” espalham-se primeiramente pela Turquia e algumas regiões do Oriente Médio. Já a comunidade “ashkenazim”, que teve no “idish” a língua com a qual se comunicava, parte principalmente devidos aos “pogroms”, que começavam a se intensificar novamente (note-se que esta prática foi comum durante a epidemia de peste negra em 1348) e tendo em vista a obrigatoriedade do serviço militar na Rússia e na Polônia. É preciso perceber, no entanto, que esta divisão entre “sefaradim” e “ashkenazim” é bastante relativa, em função da mobilidade migratória dos judeus.

Nudelman fez parte da diretoria da Sociedade Israelita Pelotense, nos anos de 1927-28, já no período de 1932-33 foi eleito como suplente de tesoureiro no Centro Israelita Pelotense. Maurício Sockol, que no ano de 1931 era presidente do Centro, em 1933 ocupou o mesmo cargo na Sociedade Israelita.

Os maiores problemas colocavam-se no campo econômico. Ainda em 1923, através de declarações no jornal *O Rebate*, tem-se um panorama dos reais motivos que levam uma comunidade tão pequena a ter duas sociedades distintas. No dia 3 de outubro, p.3, tendo como assunto a falência de uma firma de judeus, encontramos as seguintes notas:

“Os infra-assinados tendo adquirido a firma Telechewescky & Treiguer (vendedores ambulantes em prestações) todos os créditos que a mesma firma tinha na praça, declaram que todo ou qualquer pagamento feito àquela firma ou aos seus sócios Natam Telechewescky e Simon Treiguer, será feito em fraude dos legítimos interesses dos signatários e aquele que o fizer será obrigado a repetir o pagamento.

Pelotas, 1º de outubro de 1923.

*Simão Stifelman
Salomão Millman*

“Venho por meio desta publicação tornar público que a firma Telechewesck & Treiguer (vendedores ambulantes em prestações) liquidou precipitadamente seus negócios sem dar solvência aos seus credores, entre os quais me encontro, pela quantia constante de vários documentos em meu poder. Sabendo que a mesma firma tem vários devedores nesta praça, para que os mesmos iludidos, não efetuem pagamentos àquela firma, pois, em juízo, vou anular a venda precipitada e em fraude de credores, faço ciência aos meus devedores para que depois, não sejam obrigados a repetir o pagamento.”

Pelotas, 3 de outubro de 1923.

Miguel Galanternick

No dia 6 de outubro de 1923, p.3, do mesmo jornal chama a atenção uma outra declaração.

“Declaramos que a publicação inserta neste jornal pelo sr. Miguel Galanternick a nosso respeito, é completamente inverídica, tendo sido dada a lume no propósito exclusivo de ferir as nossas reputações. Nossos negócios foram ultimados com plena aquiescência dos nossos credores dos quais temos quitações amplas, que ficam à disposição de quem quiser examiná-las no escritório do nosso advogado a rua General Vitorino, número 602. Aliás, o próprio sr. Miguel Galanternick esteve na nossa casa comercial concordando, então, na presença de muitas pessoas com a liquidação por nós proposta. Em juízo, onde chamaremos as contas o sr. Galanternick, melhor diremos do nosso direito.”

Pelotas, 4 de outubro de 1923.

Telechewescky & Treiguer

Os desacordos aconteciam inclusive dentro da mesma sociedade, como demonstra a notícia publicada no jornal *A Opinião Pública* do dia 14 de junho de 1929, p.2, intitulada “Na Sociedade Israelita os livros voaram e o dinheiro foi atrás”. “*Segundo chegou ao nosso conhecimento, originou-se na Sociedade Israelita aqui existente uma questão entre alguns membros da antiga e da nova diretoria, em virtude do desaparecimento do respectivo arquivo de livros e dinheiro da caixa (...)*”.

Quando os imigrantes chegavam à cidade, vinham praticamente sem recursos, dependendo da ajuda dos que moravam aqui há mais tempo e se encontravam, de uma forma ou de outra, estabelecidos. Amália Pilowinick conta que, quando o seu pai chegou, conseguiu com os comerciantes judeus tecidos e roupas feitas e saiu a vender nos arredores de Pelotas (LG). Cada uma das organizações judaicas, no entanto, ao mesmo tempo em que desenvolviam atividades religiosas, artísticas, educacionais e culturais, também se envolveram em realizar empréstimos àqueles que necessitavam, através de entidades associadas que denominavam-se *Laispar-Casse*, também chamadas de Sociedade de Amparo, mas funcionavam na verdade nos moldes de um pequeno banco. As grandes motivações que nos levam a encontrar tantas divergências, que são reproduzidas inclusive pelos jornais da época, situam-se, portanto, no campo financeiro.

Os Clienteltchiks

A comunidade judaica de Pelotas, em sua maioria, dedicou-se ao comércio.²⁴ Quando chegavam, buscavam o auxílio dos que aqui estavam há mais tempo, sobretudo para obter as primeiras mercadorias.

Os *clienteltchiks*, termo que vem de clientela, realizavam o comércio ambulante e/ou a venda a prestações geralmente em bairros pobres da cidade. A cobrança era efetuada geralmente no domingo pela manhã. Na maior parte das vezes, haviam dois cartões iguais, um ficava com o comerciante, outro com o comprador. Nestes constavam as palavras “deve”, “pagou”, “saldo”.

Toda transação era feita em cima da confiança. Quando uma pessoa insistia em não pagar os *clienteltchiks* avisavam uns aos outros, fazendo uma pequena marca com lápis ou prego na casa de quem havia comprado e não havia pago.

Os judeus da Europa Oriental, que eram artesãos, aqui se transformaram em fabricantes de roupas e sapatos; os pequenos comerciantes passaram a ser vendedores ambulantes que vendem à prestação, eram os chamados prestamistas ²⁵.

Os judeus com comércio estabelecido ocupavam preferencialmente a rua General Osório e os árabes a rua Andrade Neves.

Grande parte das lojas localizavam-se na frente das casas, utilizadas como moradia pela família.

Com o passar do tempo, há uma diversificação dentro do campo comercial²⁶ e inclusive uma diversificação espacial²⁷, embora a concentração das lojas continuasse na rua General Osório.

A maior parte dos imigrantes, depois de conseguir guardar algum dinheiro, acabou trabalhando de forma autônoma. Isso fez com que tivessem a possibilidade de se movimentar através das cidades do Rio Grande do Sul e até do Brasil, em uma perspectiva de buscar maior progresso profissional. Em Pelotas este êxodo acontece durante todo o período por mim trabalhado, ou seja dos anos de 1920 a 1945, mas especialmente a partir dos anos 40, quando um número relevante de judeus deixa Pelotas, dirigindo-se sobretudo a Porto Alegre.

“Movidos em parte pela preocupação quanto ao casamento dentro da comunidade, em parte pela procura de melhores oportunidades educacionais para seus filhos, os imigrantes não hesitaram, após longos anos de labuta e privações, em procurar a grande concentração judaica, representada pela capital, que parecia oferecer-lhes maiores garantias quanto à permanência dos filhos e netos no seio da comunidade”²⁸.

Vida Cultural e Religiosa

Os judeus em Pelotas optaram por escolas públicas, porque a maioria não detinha recursos financeiros e também porque nestas não havia o aprendizado da religião católica, sendo assim percebiam uma maior liberdade de manifestação e expressão. Duas escolas

²⁴ Um exemplo é a notícia publicada no dia 13/4/1936, p. 4, no jornal *Diário Liberal*. Sobre a morte de Maria Galanternick consta o seguinte: “Deixou de existir ontem, em quarto particular do hospital da Beneficência Portuguesa a exma sra. d. Maria Galanternick, com a idade de 72 anos, natural da Rússia, casada com o sr. Jayme Galanternick, de cujo consórcio deixa os seguintes filhos: Maurício Galanternick, *comerciante* em Pernambuco, Abrão e Miguel Galanternick, *ambos do comércio local* e as exmas. Sras. D. Rosa Galanternick Schnaid, casada com o sr. Luiz Schnaid, Sonia Galanternick Werter, casada com o sr. Jayme Werter, Luiza Galanternick Pratechck, casada com o sr. João Pratechck, Sara Galanternick Soibelman, *todos comerciantes* nesta praça e em Porto Alegre” (grifos meus).

²⁵ Cf. RATTNER, H. *Tradição e Mudança*, a comunidade judaica em São Paulo. São Paulo: Ática, 1977, p.52.

²⁶ O jornal *O Rebate* de 26/8/1920, p. 2, anuncia a loja “Dreyfus & Gomes, especializada em jóias e relógios; no jornal *Diário Popular* do dia 24/2/1933, p. 5, os diretores A. e B. Averbuck propagandeiam um grande loteamento popular; o jornal *A Opinião Pública* de 13/12/1934 faz referência à Casa Lévy, que vende pedras, jóias, relógios, cristais, metais e óculos, sendo a matriz em Pelotas e a filial em Paris.

²⁷ A localização de duas casas comerciais de judeus, extremamente importantes na cidade podem comprovar esta situação. A *Camisaria Paris-Londres* localizava-se na rua Quinze de Novembro, do mesmo modo *A Moda*, que acabou mudando-se depois para a sua Sete de Setembro, quando passa a denominar-se Moyses José & Bendjouya Atacado.

²⁸ RATTNER, H. *Tradição e Mudança*, a comunidade judaica em São Paulo. São Paulo: Ática, 1977, p. 37.

aparecem na preferência da comunidade: a Escola Complementar “Assis Brasil” e o Ginásio Pelotense. Simon Halpern afirma que:

“A grande maioria dos judeus ia para o Pelotense, porque o Gonzaga exigia – entre os pontos que ganhávamos – a presença na missa. Coisas de religião que não poderíamos aceitar, então eles impunham uma condição religiosa e nós não íamos para o Gonzaga, se bem que tinha uns dois jovens que estudavam lá, eram judeus e estudavam, curiosamente eles não se integravam com a Sociedade Israelita” (LG).

Uma boa parte dos filhos de imigrantes, ao concluir o ensino médio, partia para Porto Alegre, a fim de obter o diploma universitário. Desde o ano de 1926, encontrei anúncios revelando que entre a segunda geração existiram médicos, dentistas, advogados, magistrados²⁹. Sofia Nudilemon, em entrevista à autora, diz que muitos filhos de imigrantes que foram estudar em Porto Alegre, ficaram por lá e acabaram casando, constituindo família. Segundo ela, este é um dos fatores que contribuiu para que a comunidade judaica em Pelotas diminuísse muito (LG).

A vida cultural existia predominantemente relacionada às sociedades israelitas existentes. Através dos depoimentos³⁰, percebemos que houve apresentações de teatro iídiche, cujos grupos teatrais, ao realizarem espetáculos em Porto Alegre ou até mesmo Buenos Aires, passavam por aqui: além da realização de operetas e da apresentação de cantores. Estes eventos, no entanto, não eram muito freqüentes.

Nas associações, os bailes³¹ de sábado eram mais constantes e segundo várias pessoas entrevistadas, muitos namoros começaram por lá. Raramente um judeu pertencia a outro clube social.

Os imigrantes, em sua maioria, freqüentavam a sinagoga, realizavam o jejum do *Iom Kipur*, as festas de *Pessach*, comemoravam o *Rosh Hashaná*, acendiam as velas no *Shabat*. Alguns pos-suam ainda uma *Mezuzá* presa à porta de entrada de suas casas. Mas suas atuações não se vinculavam apenas a um tradicionalismo “festivo”. Buscavam, isto sim, formas de estar inseridos na religião e na cultura judaica, fazendo com que seus filhos se sentissem pertencendo a alguma coisa maior, que os identificasse enquanto grupo. Mesmo os que não demonstravam ser muito religiosos, preocupavam-se com as tradições.³²

Era comum entre a coletividade a prática da circuncisão, efetuada por Leon Platcheck, do mesmo modo que a cerimônia do Bar-Mitzva, através da qual o menino judeu, aos 13 anos, assume suas obrigações religiosas. Aida Galanternick conta que no *Bar-Mitzva* do seu irmão Benjamin, foi contratada a orquestra da Brigada Militar de Pelotas (MC).

Uma outra preocupação para a primeira geração de imigrantes, dizia respeito ao casamento, sobretudo por ser imprescindível que fosse realizado entre judeus, por origem ou conversão.

Os judeus residentes em Pelotas também eram ligados à Maçonaria³³. Vinculado à loja Fraternidade, Miguel Galanternick aparece como um dos diretores no ano de 1923. Leon Tovil fez parte da Loja Antunes Ribas, assim como Isaac Copstein da Sociedade Princesa do Sul. Isso apenas para citar exemplos, visto que para Isaac, filho de Salomão Bendjouya, que

²⁹ O jornal *A Opinião Pública* do dia 13/10/1926, p. 4, anuncia a Clínica Geral de Guilherme Soibelman; no mesmo jornal do dia 8/11/1933 é noticiado que a dra. Léa Soibelman, cirurgiã-dentista, está de aniversário; no jornal *Diário Liberal* do dia 5/3/1937, p. 3, aparece um anúncio do trabalho desenvolvido pela dra. Sophia Galanternick, advogada. Já o jornal *A Opinião Pública* do dia 16/7/1938, p. 1, diz ter a dra. Sophia Galanternick realizado, no dia 13 de julho, sua primeira audiência como promotora pública da comarca de Carazinho.

³⁰ David Pechansky, nascido no dia 3 de janeiro de 1904, diz que na época em que foi presidente do Centro da Sociedade Israelita Pelotense, na década de 40, haviam 80, 90 famílias e também um salão onde apresentavam-se peças teatrais e operetas. Afirma que mandou vir Sofia Raffalovitch, que era uma artista que fez dois concertos na cidade, além de fazer acontecer a apresentação de um cantor de Erechim (MC).

³¹ O jornal *O Rebate* do dia 30/1/1933 diz que a Biblioteca Coletiva Israelita Pelotense realizou uma concorrida reunião dançante.

³² *Iom Kipur* é dia do Perdão, *Pessach* é a páscoa, festa celebrada durante sete dias em Israel. *Rosh Hashaná* é o Ano Novo judaico. Já *shabat* é o sábado, dia sagrado para os judeus e uma *mezuzá* é um pequeno tubo contendo um rolo de pergaminho com as passagens bíblicas.

³³ Carlos Dienstbach (1993), diz que em um levantamento realizado desde o ano de 1841 até 1988 foi possível encontrar vinte e três lojas maçônicas existentes na cidade de Pelotas.

pertencia ao Grande Oriente do Rio Grande do Sul, mais de 50% dos judeus eram maçons em Pelotas³⁴.

Atuar junto à maçonaria significava defender os direitos individuais e a liberdade de pensamento e, neste contexto, é claro, opor-se à Igreja Católica.

Conclusão

Desde o ano de 1920, em torno de cem famílias passaram a residir em Pelotas. Fundaram associações representativas, cooperativas de crédito, uma escola, bibliotecas, sinagogas, um cemitério.

Viveram os primeiros tempos vendendo a prestações, roupas, gravatas, pequenos objetos, em bairros periféricos. Já estabelecidos, possuíram lojas de tecidos ou de móveis, pequenas fábricas e até indústrias. Seus filhos foram médicos, advogados, magistrados, buscando exercer funções que lhes proporcionassem “status” e prestígio.

Apesar de integrarem-se e se assimilarem à sociedade mais ampla, demonstrando uma fraca coesão social³⁵, forçaram a nação brasileira – que entendia, em alguns momentos, que era necessário uma fusão homogênea (a campanha nacionalizadora de 1938 é exemplar) – a perceber que manteriam suas identidades religiosas, mas sobretudo culturais, vistas por eles como marcas de diferenciação étnica. Essa consciência pronunciada de identidade, faz com que seja possível pensar em um destino comum.

A cultura, entendida como tradição, foi o ponto de união entre pessoas que tiveram origens, idiomas e, muitas vezes, vivências bastante diferenciadas, constituindo uma realidade multifacetada. Através da memória coletiva perpetuaram valores éticos, manifestações artísticas, gostos e sabores (culinária), além do relacionamento com o Estado de Israel, que lhes possibilitou a associação a uma língua e um território (Brumer, 1998:183), entendido como o lugar para o qual sempre há possibilidade de voltar.

Para estes judeus, sua condição passa “*pela assunção da presença de certa tradição, de certos valores, de uma história grupal e de um modo de elaborar uma forma de viver relevante (...) exatamente na sua diferença*”³⁶.

A maior preocupação ouvida através dos depoimentos foi com o futuro do grupo. A concretização de vários casamentos mistos, o fato de que os mais jovens freqüentam muito pouco o Centro da Sociedade Israelita Pelotense, estando afastados das práticas religiosas e para alguns, a ausência de situações relacionadas a um anti-semitismo mais declarado, que atue no sentido de reforçar a coesão interna, os leva a perceber um processo de descaracterização crescente.

No momento em que concluí este trabalho compreendi, no entanto, que não podemos e nem devemos falar apenas de dissolução de laços.

Neste período de tempo, em que estive envolvida com a pesquisa, convivi com pessoas que narraram suas histórias, permeadas que estavam com sentimentos de solidariedade, conscientes de que apesar das dificuldades “*a marca judaica pode tornar-se tênue, mas não se desfaz*”³⁷.

Bibliografia:

BARON, S. **História e Historiografia do povo judeu**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

BRUMER, A. **Identidade em Mudança: pesquisa sociológica sobre os judeus do Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Federação Israelita do Rio Grande do Sul, 1994.

³⁴ Bernardo Axelrud, nascido no dia 18/5/1908, que viveu em Pelotas durante alguns anos, depois de sair da Colônia de *Philippson*, vai mais longe sobre a relação dos judeus com a Maçonaria em Pelotas. Segundo ele, “muitos judeus são maçons, aliás quase todos são”(MC).

³⁵ “Um grupo pode ser coeso, isto é, resistir à divisão e à assimilação de seus membros, sem que estes tenham plena consciência do fato, enquanto o fenômeno da solidariedade se produz ao nível da consciência dos membros do grupo”. O sentimento de solidariedade manifesta-se a partir de fortes interesses comuns, já que implica em consenso. Para o autor “os sentimentos de solidariedade são freqüentemente associados com experiências emocionais, em função de defesa do grupo contra ameaças reais ou imaginadas”. In RATTNER, H. *Tradição e Mudança*, a comunidade judaica em São Paulo. São Paulo: Ática, 1977, p.19.

³⁶ GUINSBURG, J. As aventuras de um editor e escritor. In SLAVUTZKY, A. *A Paixão de Ser*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998, p.32.

³⁷ SCLiar, M. Memórias Judaicas. In SLAVUTZKY, A. *A Paixão de ser*. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998, p.76.

- BRUMER, A. A Identidade judaica em questão. IN: SLAVUTZKY, A. **A Paixão de Ser**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.
- BUNSE, H. **O iídiche: a língua familiar dos judeus da Europa Oriental e sua literatura**. Porto Alegre: Ed. da Universidade, UFRGS, 1983.
- DIENSTBACH, C. **A maçonaria gaúcha: história da maçonaria e das lojas do RS**. Londrina: A Trolha, 1993.
- GRITTI, I. **Imigração judaica no Rio Grande do Sul: A Jewish Colonization e a colonização de Quatro Irmãos**. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 1997.
- GUINSBURG, J. As aventuras de um editor e escritor. IN: SLAVUTZKY, A. **A Paixão de Ser**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.
- LESSER, J. **O Brasil e a questão judaica**. São Paulo: Imago, 1994.
- MAGALHÃES, Mario. **Opulência e Cultura na Província de São Pedro do Rio Grande do Sul: um estudo sobre a história de Pelotas (1860-1890)**. Pelotas: Ed. UFPel: Co-edição Livraria Mundial, 1993.
- NOVINSKY, A. **A Inquisição**. Coleção Tudo é História. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- PESAVENTO, S. **Pecuária e Indústria**. Porto Alegre: Movimento, 1986.
- RATTNER, H. **Tradição e Mudança, a comunidade judaica em São Paulo**. São Paulo: Ática, 1977.
- RODRIGUES, J. **Independência: Revolução e Contra-Revolução**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.
- SCLIAR, M. Memórias judaicas. IN: SLAVUTZKY, A. **A Paixão de Ser**. Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1998.
- SCLIAR, M. **Caminhos da Esperança; a presença judaica no Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Instituto Cultural Judaico Marc Chagall, 1990.
- SEYFERTH, Giralda. **Imigração e Cultura no Brasil**. Brasília: Ed. da UnB, 1990.
- VIZENTINI, P. **A crise dos anos 20: conflitos e transição**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1992.